
Grande imprensa argentina e o anticomunismo católico no pós-golpe militar de 1966

Ianko Bett*

Resumo. O objetivo do artigo é analisar alguns aspectos da prática anticomunista católica na grande imprensa da Argentina (jornais La Nación, Clarín e La Razón) no contexto marcado pelo pós-golpe militar de 1966. A pesquisa faz parte de um projeto maior que consistiu em analisar o anticomunismo católico nas grandes imprensas de Porto Alegre e Buenos Aires, no contexto dos golpes militares (1964 e 1966), ocorridos no Brasil e na Argentina respectivamente. O esforço deste trabalho recairá em demonstrar o lugar assumido pelo anticomunismo no contexto pós-golpe e apresentar a forma como a hierarquia católica, através de seu representante maior à época D. Antonio Caggiano, se utilizou do discurso anticomunista para demarcar seu posicionamento junto ao regime militar.

Palavras-chave: anticomunismo católico, grande imprensa, Argentina.

Argentinian large press and Catholic anticommunism in the post-military coup of 1966

Abstract. The aim of this paper is to analyze some aspects of Catholic anticommunism practice in the large press of Argentina (La Nación newspapers, Clarín and La Razon) in the context marked by post-military coup of 1966. The research is part of a larger project that aims to analyze the Catholic anticommunism disseminated in the large press of Porto Alegre e Buenos Aires, in the context of the military coup of 1964 and 1966, occurred in Brazil and Argentina, respectively. The effort of this work is to show the place assumed by anticommunism in the post-coup context and present how the Catholic hierarchy, through its greatest representative at that time, D. Antonio Caggiano, was used anticommunist discourse to mark their position with the military regime.

Keywords: Catholic anticommunism, large press, Argentina

A título de introdução: O golpe militar de 1966 e o combate ao comunismo

No dia 28 de junho de 1966 Artuto Illia foi destituído pelos comandantes das Forças Armadas, os quais entregaram a presidência para o Tenente General Juan Carlos Onganía. Diferente dos golpes militares que o precederam, o de 1966 não se tratou de destituir um governo em nome de uma saída eleitoral, mas efetivamente era preciso preencher o vazio autoritário do atual presidente e fundar uma “Nova Argentina”. De Riz (2007, p. 26) explica quem foi o ator desta missão:

La respuesta se buscó en las virtudes de las Fuerzas Armadas, única

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: ibett@bol.com.br

institución que por su organización, sentido de unidad nacional y manejo de la fuerza, se creía que estaba a la altura de la nova misión de sacar al país del atraso y de la ficción de legalidad en que vivían los argentinos.

Contudo, além da ênfase no aspecto desenvolvimentista, o cenário forjado pelos conservadores enfatizava certa liberdade no que tange ao “esquerdismo” de maneira geral e as Forças Armadas (com total apoio da alta cúpula da igreja católica) que, naquele momento, já estavam amplamente influenciadas pelas novas ideias de segurança nacional suscitadas pela doutrina de West Point, apareciam como o agente fundamental da salvaguarda e da manutenção da ordem e da disciplina como dos valores “ocidentais e cristãos”. Em nome de um mundo mais cristão e da proteção contra a subversão comunista, desencadeou-se um processo de censura nas mais diversas manifestações culturais e políticas com intuito de “asegurar el orden y la paz social y de impedir que se generalizara el concepto materialista de la vida” (VERBITSKY, 2008, p. 247).

Depois de instaurado o regime, as universidades foram o principal alvo do governo. Já a partir de 29 de julho, portanto pouco mais de um mês do golpe, as universidades sofreram intervenções e perderam a autonomia, passando a depender do Ministério do Interior. Para De Riz (2007, p. 51), o novo governo considerava necessário “por fin a la infiltración marxista y a la agitación estudiantil”. Além disso, também segundo a autora, o ativismo estudantil protagonizado pelo partido comunista e pelos diversos setores de esquerda (partido socialista, trotskismo, socialismo nacional) entrava em profunda contradição com a nova ordem que o novo governo queria implantar no país¹.

O período também ficou marcado por uma ampla campanha que teve como finalidade institucionalizar o anticomunismo na Argentina. Este aspecto pode ser percebido como uma das primeiras medidas adotadas pelo regime que foi veiculada na imprensa. No dia 1º de julho, portanto transcorridos três dias da instauração do golpe militar, o La Nación (adiante LN) publicou uma notícia que informava o fechamento, através de uma disposição governamental, de todos os locais do Partido Comunista da Argentina. Também foi noticiada a apreensão de literatura marxista e outros

¹ “La noche de los bastones largos” é o nome que se deu para uma primeira repressão policial massiva do governo. Os golpes sofridos pelos ocupantes da faculdade de ciências exatas tinham um caráter exemplificador e cumpriram com o objetivo de isolar a resistência estudantil (DE RIZ, 2007).

documentos. Além do próprio partido, também foram fechadas as sedes dos grupos considerados comunistas, como a “Liga Argentina por los Derechos del Hombre”, “Unión de Mujeres de la Argentina”, “Consejo de la Paz” e da “Fereración Comunista da Argentina”, além de 32 locais considerados como pertencentes ao Partido Comunista (FUERON, 1966, p. 1)

Além disso, na própria “Ata da Revolução”, essa campanha também ganhou representatividade. Divididos em seis pautas, os objetivos do governo de Onganía foram divulgados na capa dos principais jornais da Argentina no dia 14 de julho. As seis pautas, que foram explicitadas em extensas matérias jornalísticas, se estabeleceram no âmbito da política externa, da política interna, da política econômica, da política trabalhista, da política do bem-estar social e da política de segurança. É na terceira pauta, a de política interna, em que ficou externado o posicionamento anticomunista do governo de Onganía, especialmente os tópicos 9 e 10, os quais estabeleciam como prioridade “neutralizar la infiltración marxista y erradicar la acción del comunismo” e “impedir la acción de todo otro extremismo” (FIJÓ, 1966, p. 1), provavelmente se referindo também às organizações peronistas.

Ao longo dos primeiros meses de governo do general Onganía, o cerco institucional aos comunistas e todos seus “colaboradores” estava se fechando. É o que deixam perpassar pequenas notas publicadas nos jornais que dão a ler sobre a intensificação das penalidades contra “las personas y organizaciones que desarrollen acciones en conexión con las distintas formas del comunismo internacional”. Esta citação faz parte de uma nota publicada no La Razón (adiante LR), a qual deu a ler também detalhes sobre a nova lei anticomunista que seria promulgada até o fim do ano de 1966:

[...] la nueva ley [...] incluye todas las actividades que desarrollan o hayan desarrollando los agentes del comunismo a través de las distintas organizaciones de esa tendencia ideológica que continúan manifestándose a pesar de que el partido comunista, como agrupación política, ha sido disuelto juntamente con los demás. (COMUNISMO, 1966, p. 3)

Por seu turno, outra nota publicada no LR no dia 17 de outubro dava conta de informar sobre os trabalhos exercidos em diversas esferas governamentais para a elaboração de um projeto de lei de repressão ao comunismo ou a criação de uma lei

anticomunista.

Seguindo nesta mesma linha, no dia 20 de outubro de 1966 o editorial de notícias do Clarín (adiante CL) informou aos leitores sobre uma nova lei de combate ao comunismo. Tratava-se de uma lei que atingia os correios da Argentina, dando conta de proibir qualquer tipo de circulação de correspondência considerada de cunho comunista. Conforme o conteúdo da matéria, a lei sancionada tinha o objetivo de “evitar la difusión de la doctrina comunista o de todo aquello que tienda a sostener o propiciar su implantación, así como proveer los medios legales que permita la inmediata destrucción de dichos materiales”. Além disso, ficou estabelecido que qualquer agente postal que presumisse a existência de material identificado como sendo originário ou tendo conteúdo comunista ficaria autorizado a proceder com a abertura do pacote. Encontrando tais objetos, o funcionário do órgão deveria destruir todo o material. As principais justificativas da implementação da nova lei foram transcritas nos seguintes termos:

Nuestro mudo de vida occidental y cristiano, la preservación de nuestras tradiciones y de la organización de la familia, la defensa de nuestra idiosincrasia política y la firme decisión de resguardar a las futuras generaciones de peligros destructores de nuestra nacionalidad, imponen la adopción de todos los medios necesarios para el logro de tales finalidades, contra las que conspira el comunismo internacional. (NO ADMITIRÁ, 1966, p. 13)

Se, por um lado, os propósitos da nova lei davam conta de não permitir a entrada de material comunista na Argentina provindo de outros países, por outro e este aspecto foi bem salientado na matéria, uma das preocupações se dava em relação às correspondências que circulavam internamente. Quer dizer, essa consideração pode dar mais subsídios para perceber que o “problema comunista” na Argentina além da infiltração, naquele contexto, também se materializava na propagação interna. Daí a necessidade do cerco às atividades comunistas, conforme os jornais argentinos veicularam no período, e que podem ser exemplificados pela reportagem do LR do dia 29 de novembro de 1966, em que a mesma informava sobre apreensão de materiais comunistas. Sob o título de “madriguera roja”, uma grande quantidade de literatura, especificamente três toneladas, de “neto corte comunista” foi apreendida, segundo a manchete do LR. Periódicos como “Nuestra Palabra”, “Tierra Natal”, “Voz Materna” e “Nuestra Era” estavam entre as literaturas, as quais traziam publicações nos idiomas

russo, búlgaro e ucraniano (MADRIGUERA, 1966, p. 15).

Sob o título “Asignase Especial Transcendencia al Debate Sobre el Proyecto de la ley anticomunista”, o LR informou sobre uma reunião que seria realizada na Casa Rosada, na qual era esperada a participação do Conselho Nacional de Segurança da Argentina, com a presença dos comandantes das Forças Armadas, ministros e secretários de segurança, além do próprio Presidente, o General Onganía. Pelo que consta no texto da reportagem, o debate desta reunião ficou por conta de qual órgão seria o responsável pela qualificação dos indivíduos enquanto comunistas ou não, justamente tentando apontar um mecanismo de maior eficiência na culpabilidade e no enquadramento dos “subversivos”. Dentre as ações atribuídas para a referida qualificação foram destacadas: “actos de sabotaje, incitación directa a la subversión y/o proselitismo o propaganda marxista” (ASIGNASE, 1967, p. 1).

Notícia como esta e as outras já referidas apontam para o modo como o combate ao comunismo se tornou uma das prioridades no governo de Onganía. Percebe-se que o “problema comunista” era sim uma das principais questões a serem tratadas pelo governo militar e que a demanda para a aprovação das leis anticomunistas provinha de diversos setores da sociedade argentina, não ficando resumidas apenas na esfera política. Além disso, apontam para o fato de que cada vez mais ações e sujeitos estavam sendo qualificados como tendo concepções comunistas ou a essas relacionados. De um problema do perigo da infiltração, antes do golpe, o comunismo gradualmente também passou a ser representado² como uma ameaça presente, uma ameaça já infiltrada, que seria sujeita às penalizações constitucionais.

As considerações acima dão um demonstrativo do cenário político da Argentina, especificamente em relação ao combate ao comunismo, no período posterior ao golpe. Neste sentido, a próxima etapa do artigo vai analisar como se deu parte da presença do anticomunismo católico na grande imprensa³ de Buenos Aires naquele contexto.

² Segundo Roger Chartier (1998) o historiador que se debruça sobre a análise das representações deve se valer das classificações, divisões e delimitações que são instrumentalizadas nos discursos, buscando, com isso, perceber a organização das categorias de percepção do real que são, ou que devem, ser apreendidas pelo mundo social.

³ Conforme sinalizou De Luca (2008), a expressão “grande imprensa” é costumeiramente utilizada de forma vaga e imprecisa. Entretanto, neste artigo, utilizou-se para, conforme as idéias da autora, designar o conjunto de periódicos que, na década de 1960, em Buenos Aires, compunham a parcela mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelho técnico, organizacional e financeiro. Desta forma, a escolha dos jornais pesquisados Clarín (CL) e La Razón (LR) e La Nación (LN) não foi aleatória. São jornais que se demonstraram em importantes instrumentos com significativo potencial para circulação de idéias e de representações que reforçavam valores sociais, contribuindo,

Objetiva-se, com isso, verificar como parte dos católicos demonstraram seus posicionamentos perante o regime militar e como esse aspecto influenciou as suas posturas anticomunistas. O foco recairá especificamente nas manifestações de D. Antônio Caggiano⁴, mais alto representante do catolicismo argentino naquele tempo, especialmente pontuando as suas relações com o novo regime e com grupos anticomunistas.

D. Caggiano e o Apoio ao Governo Militar

No dia 30 de junho de 1966, dois dias após o golpe, a manchete de capa do LN trouxe a notícia do juramento do Tenente General Onganía como chefe da nação argentina. Uma fotografia no centro da capa mostrava as várias personalidades civis, eclesiásticas e militares presentes no ato solene. Dentre elas, é preciso destacar a figura do cardeal D. Antonio Caggiano. A presença de Caggiano nas mais diversas solenidades que receberam cobertura por parte da imprensa argentina, principalmente no período imediatamente ao golpe, é um fator a ser destacado pela sua intensidade (durante os primeiros meses de governo, sempre que a imprensa divulgou qualquer ato solene do novo governo, a presença de católicos, principalmente o cardeal Caggiano, foi motivo de destaque). Mais que um ato previsto em protocolo, o significado de todas as essas aparições indicam, de certa forma, apoio, adesão e participação da alta cúpula do catolicismo argentino ao novo governo.

Depois do golpe militar, a primeira manifestação de um católico nos jornais elencados para a pesquisa se deu nos dias 2 e 3 de julho. Tratou-se de uma pequena matéria publicada no LN e também no LR, em que parte de um discurso proferido pelo cardeal Caggiano foi transcrito e trouxe as suas opiniões sobre a situação do país. É preciso destacar que o discurso foi proferido por ocasião de uma celebração referente ao sesquicentenário da Independência da Argentina, na qual, estavam presentes autoridades

frequentemente, para produção de realidades objetivas. Por outro lado, são periódicos que permitem identificar a forma como foram representadas as mais diversas questões políticas, sociais e culturais do período estudado, principalmente acerca do anticomunismo católico.

⁴ Um dos principais meios de manifestação anticomunista católico nos jornais de Buenos Aires, à época, se deu através do Cardeal Arcebispo da Argentina Antonio Caggiano. Caggiano foi arcebispo da Argentina no período de 1959 a 1975, sendo uma figura de intensa participação nas jornadas políticas da Argentina neste interregno. Além disso, cabe destacar que acumulou com as suas atividades de Arcebispo Primado, a função de Vigário Geral das Forças Armadas argentinas, o que demonstra, de certo modo, seu grande poder de influência também no meio militar. Segundo Verbitsky (2008, p. 53), a Ação Católica e as capelanias militares, ambas idealizadas por Caggiano, foram “los dos pilares que sostuvieron el proyecto de recatolizar la sociedad argentina y de intervenir en sus decisiones políticas”

civis, eclesiásticas e militares.

Primeiramente, conforme o autor da matéria do LN, Caggiano teria se manifestado prevenindo os seus ouvintes “contra los peligros que del exterior [...] pretende socavar con dinero y disolventes la unidad de los argentinos”. Em outra passagem, Caggiano afirmou: “mientras nosotros estábamos tranquilos, otros estaban socavando la Constitución y corrompiendo nuestras instituciones (EXPRESSIONES, 1966, p. 20). Aquele contexto apresentava, para Caggiano, perigos tão grandes quanto de uma guerra: “aunque no estamos em guerra, corremos peligros que son más graves que la guerra”.

Além dessas passagens publicadas no LN, o LR divulgou outras partes do mesmo discurso, sendo pertinente as relativas ao destaque que foi dado pelo cardeal às correntes ideológicas que estariam se apoderando das massas, fazendo clara referência à infiltração do marxismo na população argentina: “pero hay cosas que tenemos que decir; mansamente, ya que la verdad no necesita violencia: estamos invadidos por corrientes de ideas que se apoderan de la masa, de nuestros propios hijos, para destruir” (EL CARDENAL, 1966, p. 2).

Em que pesem as advertências declaradas pelo cardeal, é preciso chamar atenção para o sentimento de “alívio” com que manifestou ao mencionar que o país se dirigia para o caminho de sua grandeza. Quer dizer, um indicativo concreto da sua postura não só favorável, mas também de comprometimento com o novo governo da Argentina. Assim se manifestou D. Caggiano:

[...] estamos como en una aurora, en que, Gracias a Dios, percibimos todos que el país se encamina nuevamente hacia su grandeza que le señaló San Martín, que urgió la declaración de la independencia, y hacia la grandeza que América espera de nuestra patria. (EXPRESSIONES, 1966, p. 20)

Em outra fala do primado católico da Argentina, este mesmo aspecto pode ser percebido. Qualificado pela Editoria do LR como uma “nueva y vibrante exhortación”, parte do discurso de Caggiano, proferido na Catedral, foi transcrito pelo referido jornal trazendo aquilo que parecia ser uma constante nos discursos dos católicos no período posterior ao golpe militar, ou seja, discursos que conclamam a união da população para o bem estar da nação. Para o arcebispo, naquele momento político que vivia a Argentina, era necessário que as pessoas “depongan intereses personales y se unan en

anhelo de realizar algo concreto en favor del país”. Diferentemente do período anterior ao golpe⁵, é possível identificar, nessas primeiras manifestações algo que indica uma clara confiança em relação ao futuro do país. Este aspecto ficou caracterizado na passagem em que D. Caggiano buscou no exemplo do passado a melhor maneira de agir no presente: “si en años de desesperación, anarquía y escepticismo la fe en el Señor y en el futuro alentó a los argentinos en 1816, cómo no seguir la inspiración de aquellos precursores” (EXHORTACIÓN, 1966, p. 18).

Por seu turno, no dia 27 de março de 1967, a imprensa argentina divulgou as cerimônias religiosas realizadas por ocasião da passagem da Páscoa. Tradicionalmente, grande parte do discurso do arcebispo da Argentina proferido nesta comemoração vinha transcrito nas páginas jornalísticas. Muitas vezes, esses discursos acabavam não se limitando apenas às questões religiosas, mas as questões políticas e sociais, especificamente questões relacionadas com o problema do ateísmo lembrando diretamente a presença do comunismo.⁶ Contudo, o que se constata em seus discursos, ao menos aqueles que foram veiculados pelos jornais no período pós-golpe militar, é que houve, de fato, uma diminuição considerável das abordagens referentes às questões político-sociais. A matéria sobre as atividades religiosas da páscoa de 1967 é um exemplo desse aspecto. Nesta, ficou constatada a não existência de nenhum tipo de argumentação direta ou indireta do arcebispo às questões de cunho político-sociais, muito menos questões que poderiam dar margem para o entendimento de qualquer tipo de manifestação anticomunista. Seu discurso configurou-se plenamente em assuntos da ordem religiosa: “en el momento de pronunciar la homilía de circunstancias, el señor cardenal puntualizó que la resurrección del Señor era el fundamento insustituible de nuestra religión [...]” (EXALTÓ, 1967, p.14)

Também por ocasião da tradicional missa realizada no dia 1º de maio, em comemoração ao dia do trabalhador, foi possível constatar a total ausência, no discurso de D. Caggiano, dos constantes temas evocados por ocasião desta data. Temas como o ateísmo e a infiltração marxista nos diversos setores dos trabalhadores passaram completamente despercebidos na homilia do dia do trabalhador de 1967 (EXHORTÓ, 1967, p.4). Na cerimônia em questão a principal temática abordada foi em relação à recente encíclica *Populorum Progressio*, publicada por Paulo VI em março de 1967, e

⁵ Sobre o anticomunismo católico manifestado no período anterior ao golpe militar ver em Bett, 2010.

⁶ Ver em Bett, 2010

suas implicações no setor trabalhista.

Por ocasião dessa missa, ainda é preciso destacar outro aspecto, no mínimo curioso, e que chama atenção justamente pelo fato de D. Caggiano não ter feito qualquer menção no seu discurso. Trata-se, conforme publicou o CL, de um “incidente” ocorrido durante a realização da celebração religiosa. Enquanto esta transcorria, um grupo de pessoas, incluindo dois sacerdotes, distribuía panfletos “de conteúdo social”, destacou a editoria do CL. Nesses panfletos continha uma oração, a qual foi publicada na reportagem e que trazia as seguintes palavras:

Señor Jesus: En este día doloroso para nuestra patria, en que los trabajadores no pueden expresar libremente las angustias de sus familias y sindicatos, frente a la acción devastadora de un plan económico al servicio del capitalismo, del imperialismo, de las oligarquías, y en contra del pueblo, te pedimos señor: que las libertades sindicales distribuidas por el gobierno Sean recuperadas definitivamente por y para la clase trabajadora mediante la organización y la lucha revolucionarios. Que la sangre de todos los mártires del trabajo, en especial de la nuestra compañera Hilda Guerreiro de Molina, nos impulse y aliente en medio del abandono y traición a la clase trabajadora por parte de sus falsos dirigentes. Que seamos dignos de nuestra conciencia cristiana para luchar siempre junto a los que padecen explotación e injusticia, que son los que exigen nuestra solidaridad hasta sus últimas consecuencias. (PRETENDIÓSE , 1967, p. 25)

Tratou-se, como se pode perceber, de uma crítica explícita dirigida ao governo, com clara influência das ideias marxistas em seu conteúdo, e que manifestava protesto contra medidas de intervenção nos sindicatos da Argentina.

No momento da celebração, além da distribuição dos panfletos, um dos sujeitos tentou se apoderar do microfone para fazer a leitura da oração em questão, sendo impedido por membros da federação católica presente no local. O CL narrou o episódio da seguinte maneira:

A pesar de lo narrado – distribución dos panfletos – el orden no se había alterado. Pero fue entonces, cuando, faltando escasos momentos para el Evangelio, un hombre joven se aproximó al micrófono que servía para transmitir el sacrificio, y quiso dar comienzo a la lectura de la oración en cuestión. (PRETENDIÓSE , 1967, p. 25)

A reportagem também informou que, no momento da confusão, o cardeal Caggiano, ao tentar “esfriar os ânimos”, acabou recebendo um golpe na região de seu

peito. Doze pessoas acabaram sendo presas no episódio. É preciso destacar que a referida oração foi assinada pelo grupo denominado “Comando Camilo Torres”, denominação que remete ao padre colombiano que aderiu à guerrilha naquele país. O texto da reportagem também identificou outros sujeitos que participaram do incidente, os quais faziam parte do grupo “Cristianismo e Revolução”, grupo católico com clara vinculação às ideias marxistas, do grupo denominado “Taquara”, além de sujeitos identificados como neoperonistas. Esta manchete se configura em mais um indício que corrobora a afirmação de que os grupos de esquerda continuavam atuando, mesmo com a forte repressão governamental desencadeada contra esses setores após o golpe militar.

É preciso lembrar que essas datas, principalmente o dia do trabalhador, configuravam-se entre as principais oportunidades para os católicos emitirem seus alertas contra a propagação do ateísmo e a infiltração comunista ou marxista entre os trabalhadores. A que se deve este silêncio? A que se deve essa ausência, nos discursos de Caggiano, da temática anticomunista, em momentos que tradicionalmente essas apareciam?

Naquele período, as atividades dos grupos considerados comunistas no país não haviam diminuído consideravelmente a ponto de não se tornarem mais preocupações dos grupos anticomunistas. Pelo contrário, as constantes pressões para aprovação de leis anticomunistas, bem como as constantes manifestações das entidades anticomunistas demonstram que as atividades de grupos considerados comunistas ainda eram motivos de fortes mobilizações. A explicação pelo silêncio de D. Caggiano no que diz respeito a essas questões pode ser encontrada no efeito que o golpe militar teria proporcionado nos setores da alta cúpula do catolicismo argentino, pela vinculação direta e efetiva participação desses no novo governo, bem como a sua estreita ligação com as Forças Armadas. Quer dizer, ficaria sem propósito denunciar a infiltração comunista dentre os setores dos trabalhadores, ou da sociedade em geral, uma vez que isso poderia dar margem para a construção de uma imagem de não eficácia do governo militar no tocante ao combate ao comunismo, sendo esta uma das principais pautas governamentais. Certamente, o grau de comprometimento da hierarquia católica com o governo militar não recomendava e não permitia esta postura. Contudo, isso não significa que no período anterior ao golpe militar, as denúncias dos católicos tinham como objetivo única e exclusivamente desestabilizar o governo de Illia. É preciso considerar que os católicos também percebiam e acreditavam existir a infiltração

comunista, denunciavam esta aos quatro cantos e a partir daí, como consequência, visualizaram a troca de governo como um modo que poderia atenuar o perigo comunista na sociedade argentina.

Entretanto, é preciso ainda apontar para outras formas de ligações entre os grupos conservadores. Se, parte da alta cúpula do catolicismo argentino manteve-se articulada com as Forças Armadas, o mesmo tipo de aproximação foi possível visualizar entre os religiosos e as entidades anticomunistas sob inspiração católica.

La Negación de los valores espirituales, de la libertad y de la justicia, nunca jamás se eternizará en el mundo. Porque son inhumanos y anticristianos llevan a la ruina, y sucumben siempre después de haber ensangrentado el mundo, en medio de lágrimas y destrucciones”. (LA NEGACIÓN, 1966, p. 16)

Essas foram as palavras iniciais da homília de D. Caggiano, proferidas por ocasião da missa em homenagem ao início da semana das “Naciones Cautivas Europeas”. A notícia que publicou o motivo da realização da missa também comentou sobre a presença de jovens e crianças, meninos e meninas que com trajes típicos e com as bandeiras das suas nações “subyugados por el comunismo”, se fizeram presentes na cerimônia.

Trazer os sofrimentos dos países comunistas e fazer disto atos comemorativos, celebrações, em que se sobressaíam discursos inflamados contra o comunismo, e fazer tais eventos virarem notícias parece ter sido uma estratégia intensamente utilizada pelos grupos anticomunistas na Argentina, podendo-se enquadrar nesses a Igreja Católica, seja como coadjuvante ou na participação efetiva através de ações de grupos a ela identificados. A própria missa que deu início à solenidade pode ser considerada um parâmetro oportuno para se entender a forma de participação do clero argentino nesses eventos. Mais que mostrar a sua postura anticomunista, demonstra claramente a forma de engajamento à causa. As palavras de D. Caggiano na homília dirigida aos povos que viviam sob o regime comunista vão em direção a esse aspecto, ou seja, transmitiram muita sinceridade na exposição da realidade daqueles que sofrem em função do comunismo:

Lejos de la patria y lastimados y heridos muchos de vosotros en la carne de vuestros seres queridos que es la vuestra comprendase bien que acudáis a Dios para pedir fuerzas y aliento en vuestros dolores,

entre los cuales hay uno que permanentemente continúa angustiando vuestras almas”. (LA NEGACIÓN , 1966, p. 16)

D. Caggiano voltou a participar de eventos desta natureza por ocasião de uma missa rezada por ele na Catedral Metropolitana, em homenagem à semana da Hungria, que se iniciava no dia 23 de outubro de 1966. O referido evento, conforme o texto da reportagem, foi organizado por entidades anticomunistas do país em função da celebração do décimo aniversário da Revolução húngara contra a dominação comunista.

Na reportagem, entre outros aspectos, ficou exposta a grande quantidade de participantes, os quais se dividiam em 37 entidades húngaras da própria Buenos Aires, entidades que representavam os países localizados na região da “Cortina de Ferro”, além de entidades e grupos anticomunistas da Argentina, entre elas a Federação Argentina das Entidades Democráticas Anticomunistas (FAEDA)⁷ e a “Cruzada”⁸ foram as duas que tiveram seus nomes divulgados dentre as entidades anticomunistas referidas no texto:

[...] asistieron al oficio religioso autoridades y miembros de 37 entidades húngaras de la Capital [...] concurrieron también representantes de las colectividades de todos los países ubicados tras la cortina de hierro, como asimismo autoridades de FAEDA, Cruzada y otras entidades anticomunistas. (EVOCÓSE, 1966, p. 16)

A presença da FAEDA e do grupo da Revista Cruzada na cerimônia religiosa da Catedral, rezada pelo arcebispo primado da Argentina, em que este manifestou, em sua homília, toda a sua consternação pelo sofrimento do povo húngaro, dominado pelos comunistas, pode ser um indício que as referidas entidades faziam parte da rede que, juntamente com católicos da hierarquia, compunha o braço conservador muito atuante naquele contexto. Além disso, o próprio evento em si autoriza a pensar a alta cúpula do catolicismo argentino estando estreitamente articulada com os grupos anticomunistas argentinos. Esse aspecto também pode ser um demonstrativo do quanto estes grupos, nesse contexto pós-golpe militar, ganharam em efetividade e adeptos, tendo em vista o

⁷ FAEDA foi um grupo anticomunista da Argentina que começou sua atuação na década de 1960. Destaca-se a publicação de nove “solicitadas” (ou a pedidos) em três dos principais jornais de Buenos Aires, no mês de outubro de 1965, as quais denunciavam a infiltração comunista nos mais diversos setores da sociedade argentina. Sobre a FAEDA ver Bett (2010) e Bonardo (1965)

⁸ Cruzada foi o nome de uma revista católica da Argentina que começou a ser publicada em 1956. Em 1967, o grupo de editores, liderados por Cosme Beccar Varela, fundou a Tradição Família e Propriedade (TFP) argentina, tendo como profunda influência a TFP brasileira liderada por Plínio Correia de Oliveira.

elevado número de manifestações contra o comunismo no período. A partir de um governo que se autocaracteriza de anticomunista e que demonstra aos quatro cantos que um de seus principais objetivos era acabar com o comunismo e a infiltração comunista, essa atmosfera anticomunista presente no contexto pós-golpe militar parece ter dado maior poder combativo aos grupos anticomunistas, seja através da palavra, seja através da realização de eventos e atos comemorativos em que os propósitos giravam em torno do combate ao comunismo.

Considerações Finais

O contexto imediatamente posterior ao golpe militar, que pôs fim ao governo de Arturo Illia (junho de 1966) e estabeleceu o Tenente General Onganía no poder, marcou o início de um período ditatorial na Argentina em que uma das metas explicitamente divulgadas era acabar com toda e qualquer manifestação considerada “esquerdista” e também com a presença e influência do comunismo no país. Nos jornais de Buenos Aires foi possível observar que a meta traçada pelo governo refletiu em diversos setores, os quais atuaram como grupos de pressão para que fosse definitivamente institucionalizado o combate ao comunismo, principalmente através do incentivo à aprovação de leis anticomunistas.

De outra parte, é preciso considerar que o golpe militar representou certo “alívio” no catolicismo argentino, mesmo que os comunistas (ou aqueles considerados como) continuaram a exercer suas atividades. Parte da alta hierarquia católica, principalmente através do cardeal Antônio Caggiano, não mais explicitou posicionamentos políticos sobre a realidade do seu país com a mesma intensidade que no período anterior ao golpe. Nesse sentido, o artigo chamou a atenção para o quanto alguns setores dos altos escalões do catolicismo argentino estiveram comprometidos com o novo regime, sendo protagonistas na formação daquilo que pode ser considerado como uma rede conservadora de cooperação entre setores das Forças Armadas e grupos anticomunistas, agudizando o conflito político e social no país.

Referências

ASIGNASE Especial Transcendencia al Debate Sobre el Proyecto de la ley anticomunista. *La Razón*, Buenos Aires, p. 1, 26 jul. 1967.

BETT, Ianko. *A (re)invenção do comunismo: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966*. Dissertação (Mestrado em História), Unisinos. 2010.

BONARDO, Augusto. *Antología de un asco en la Argentina*. Ediciones La gente, 1965.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.

DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

DE RIZ, Liliana. *La política em suspenso (1966/1976)*. Buenos Aires, Paidós, 2000.

COMUNISMO, *La Razón*, Buenos Aires, p. 3, 14 set. 1966.

EL CARDENAL Caggiano se Refirió a la Situación del País en un discurso y mencionó que existen graves peligros. *La Razón*, Buenos Aires, p. 2, 2 jul. 1966.

EXALTÓ los Fundamentos Insustituibles de la Religión el Cardenal Caggiano. *Clarín*, Buenos Aires, p. 14, mar. 1967

EXHORTACIÓN del Jefe de la Iglesia. *La Razón*, Buenos Aires, p. 18, 12 jul. 1966.

EXHORTÓ el Cardenal Caggiano al reconocimiento de nuestros errores. *Clarín*, Buenos Aires, p. 4, 2 maio 1967.

EXPRESSIONES del cardenal A. Caggiano. *La Nación*, Buenos Aires, p. 20, 3 jul. 1966.

EVOCÓSE Ayer a la Revolución Húngara en su X Aniversario. *Clarín*, Buenos Aires, p. 16, 24 out. 1966.

FIJÓ el gobierno su política y objetivos de la Revolución. *La Nación*, Buenos Aires, p. 1, 14 jul. 1966.

FUERON clausurados todos los locales del Partido Comunista. *La Nación*, Buenos Aires, p. 1, 1º jul. 1966.

LA NEGACIÓN de los valores espirituales nunca se eternizará en el mundo, Dijo Ayer Caggiano. *Clarín*, Buenos Aires, p. 16, 19 set. 1966.

MADRIGUERA roja. *La Razón*, Buenos Aires, p. 15, 29 nov. 1966.

NO ADMITIRÁ el correo material en el que se difunda la ideología del comunismo. *Clarín*, Buenos Aires, p. 13, 20 out. 1966.

PRETENDIÓSE perturbar la misa Celebrada Ayer en la Catedral. *Clarín*, Buenos Aires,

p. 25, 2 maio 1967.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VERBITSKY, Horacio. *La violencia evangelica*. Historia política da la Iglesia Católica. Tomo II. De Lonardi al Cordobazo (1955-1969). Buenos Aires, Sudamericana, 2008.

Recebido em 30/11/2012

Aprovado em 20/12/2012